

CRÔNICA

Paulo Pestana • papestana@uol.com.br



Perigo no ar

Só deu para ouvir o farfalhar das folhas e o barulho seco do impacto – depois veio a dor na cabeça. Não deu para saber o que era, de onde veio e o porquê daquela agressão; não ficou galo, mas doeu e o meu amigo, ainda atordoado, procurava o responsável quando notou a manga ainda rolando pela grama.

Começou aquela época do ano que, além de olhar para os lados e se prevenir de motoqueiros que têm de entregar comida quente, também é recomendável que se olhe para cima. As mangueiras espalhadas pela cidade — calcula-se que são pelo menos 10 mil pés — estão prenhas e alguns frutos já estão caindo.

Sofrem as capotas dos carros, como aconteceu num tradicional clube da cidade bem recentemente, quando remadores voltaram do treino e encontraram as marcas; e sofrem as pessoas que andam pelos gramados ou até se aboletam em cadeirinhas sob as frondosas ramas, principalmente aos domingos, para fugir da solama dos últimos dias. É um perigo.

Mas não é o único. Nesta mesma temporada o brasileiro se prepara para a guerra e capricha na mira para jogar pedras, tocos ou o que tiver à mão, tentando acertar e derrubar mangas. Newton ensinou que o que sobe desce; quando acerta a manga, vêm o fruto e a pedra, quando erra, vem só

a arma. De qualquer jeito é melhor sair de baixo.

O perigo é ainda maior nas árvores próximas das pistas, com risco duplo — para o atirador incauto de ser

atropelado e para o dono do carro, que pode ser alvejado.

Além das mangueiras, estão cheias as pitangueiras e amoreiras. Mas não oferecem risco, são frutas pequenas; só que trazem pássaros para as árvores, inclusive pombos que, como se sabe, parecem ter uma mira apurada na hora de soltar excremento. Não dói, mas machuca a autoestima e suja a roupa (se o sujeito der sorte).

As jaqueiras também estão apinhadas de frutos. Elas são em número bem menor, uma vantagem porque o produto não é

tão popular — doce de jaca mole ainda tem seus fãs, mas o fruto em si não desperta muitas paixões. Mas são bem mais seguros; o talo grosso, agarrado no tronco e nos ramos mais fortes não deixa que elas caiam e eu nunca vi fruta de árvore de rua apodrecer no pé. Oferece sobra sem risco.

Em festa estão os passarinhos, desde a aurora trinando alto e acordando as pessoas antes do galo. Não é para menos: além de comida farta, é época de acasalamento — a felicidade só é interrompida durante os

temporais, mas depois é só sacudir as penas e voltar a cantar e a namorar.

As mangas ainda verdes também mudam hábitos. Fernando chegou no bar com uma recém colhida, trazendo um saquinho com especiarias misturadas — pimenta do reino branca, páprica, sal e ingredientes misteriosos — e pôs-se a descascar e retalhar o fruto em camadas fininhas como um carpaccio. Jogou sua mistura por cima, mexeu, pediu uma branquinha, estalou a língua e pôs tudo para dentro.

Está criado o mais novo tira-gosto vegano.



G O M E Z